

Novas modulações de Vieira

Livro que conta história da 'Chave dos profetas' enriquece leitura do Padre

Antônio Vieira e o Império Universal — A Clavis Prophetarum e os documentos inquisitoriais, de Silvano Peloso. Tradução e organização de Sonia Netto Salomão. Casa Doze (Uerj e Universidade de Roma 'La Sapienza'), 260 páginas. R\$ 15

Marco Lucchesi

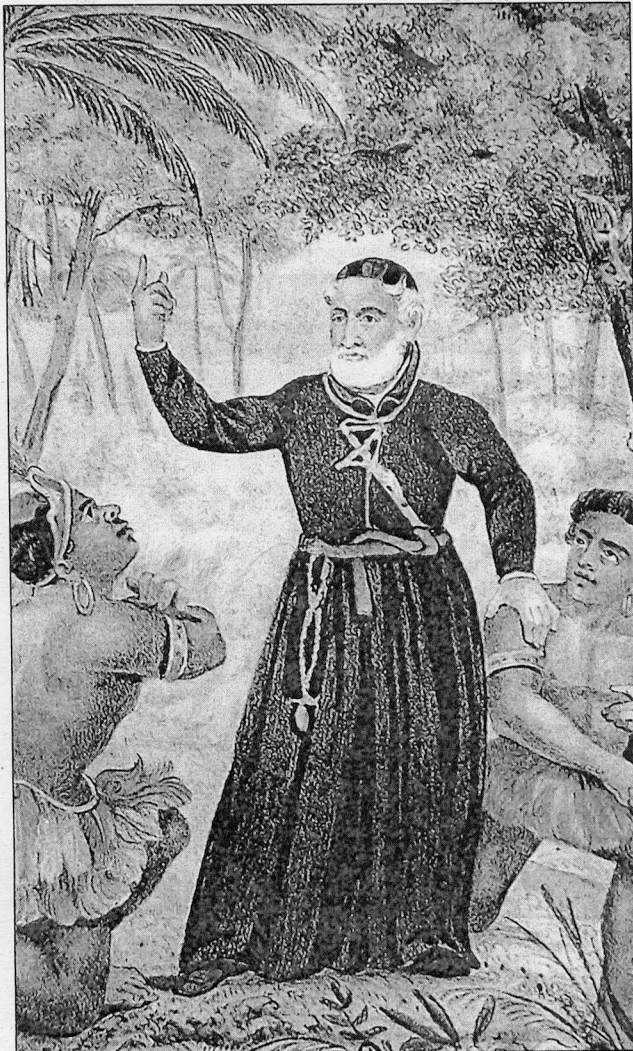
Tenho como certo que nestes últimos 20 anos a leitura da obra do Padre Antonio Vieira tornou-se não apenas inquietada, como também desafiadora. Houve um salto. Passamos da biografia para o núcleo duro de sua visão da História. Das escolas de estilo e retórica para um cerrado conjunto de operações textuais. Do acervo de um museu impreciso para o estudo de timbres e coloridos de uma polifonia, árdua e admirável. E que abrange os "Sermões", a "Defesa", as "Cartas", a "Clavis prophetarum" ("Chave dos profetas") e o desenho de uma — inacabada? — História do futuro.

A desinteligência de alguns setores da crítica buscou reduzir o continente Antonio Vieira a uma província acanhada e tímida, isenta de ruído e dissonância, livres de embaraço e não-saber. E, no entanto, a beleza reside no claro enigma que norteia a sua visão de mundo.

A obra de Vieira é como uma fuga de Bach: arranquem da partitura a variação das sentenças, as mudanças de tonalidade e a riqueza das modulações e perdemos de um só golpe o vigor da imaginação e a clara poesia da fuga.

"Nascer pequeno e morrer grande"

O jesuíta elaborou uma das mais formidáveis filosofias da História de que se tem notícia. Inovadora. Atrevida. Uma floresta de metáforas e alegorias que move uma engenhosa máquina do tempo. Assim, a História corre do Gênesis para o Apocalipse, e a Bíblia surge como repertório de todos os mistérios, passados e futuros, que Deus comunica ao homem, através de símbolos latentes. Mas além do Livro dos Livros, Vieira enriquece a sua perspectiva — bem mais rica que a de Jacques Bossuet — através das páginas do Livro do Mundo. A partir dessa leitura cruzada, Portugal representa o nervo do sistema. Como se fosse o Messias entre as nações. Portador de uma verdade que ilumina os quatro cantos do mundo: "Nascer pequeno e morrer grande, é chegar a ser ho-



VIEIRA CATEQUIZANDO índios no Brasil, no século XVII: vasta obra

mem. Por isso nos deu Deus tão pouca terra para o nascimento, e tantas para a sepultura. Para nascer, pouca terra; para morrer, toda a terra; para nascer, Portugal; para morrer, o mundo".

De Zacarias e Daniel, Vieira elabora o papel de Portugal na História, fundador do Quinto Império — depois da queda da Assíria e da Pérsia, de Grécia e Roma. Além de Daniel, Vieira se vale das profecias do Bandarra e de variadas heranças joaquimitas e de muitas outras, plasmadas numa síntese original, como nos revela nos sermões sobre "Xavier dormindo", ou mais essencialmente na "Defesa perante o Santo Ofício".

Portugal é a Hóstia no Mundo e a partir da conquista dos mares, o poder temporal há de coincidir com o espiritual, o papa angélico e o imperador universal, apressando o fim da História. Portugal há de trazer o reinado de Cristo sobre a Terra. Eis o que se pode ler no "Sermão de Santo Antonio": "Portugal é toda a Terra. E depois de assim remido, depois de assim libertado

Portugal, que lhe sucederá? Será vencida e conquistada a África. O Império otomano cairá sujeito e rendido aos seus pés. A Casa Santa de Jerusalém será finalmente recuperada. E por coroa de tão gloriosas vitórias, ressuscitará a idade dourada. Haverá paz universal no mundo".

A originalidade e o destemor de Vieira permanecem como rocha depois de tantos séculos. Além do trecho citado, será preciso recordar a genial desmedida do famoso sermão "Para o Bonsuccesso das armas de Portugal contra as de Holanda" — Deus está sentado como réu num tribunal —, ou as páginas em que chega a admitir — se for o caso — o fim de Portugal e a morte do Rei como último lance no plano da Salvação?!

Donde a Inquisição, mapeando as sentenças de Vieira, que transitava da Bíblia para o Novo Mundo, do Amazonas para o Jordão, do rei Encoberto para Jesus, com espantosa liberdade de interpretação.

Eis algumas questões que servem para dar relevo ao livro de

Silvano Peloso, que há anos vem se firmando como intérprete e editor das obras do Padre Vieira, íntimo das bibliotecas do Brasil e da Europa, da Torre do Tombo e de Santo Antonio dos Portugueses. Seu livro conta a história da "Clavis prophetarum", ou "Chave dos profetas", a grande obra incompleta e em parte ainda inédita, à qual Vieira dedicou muitos anos.

Silvano já redigiu um sem-número de estudos sobre Vieira, como o que dedicou aos sermões escritos em italiano e a outras perspectivas, dentro de seus estudos sobre o Atlântico e as projeções de um Quinto Império.

O autor houve-se bem com a documentação e o seu mérito terá sido o de apontar para um longo caminho que permanece aberto e cheio de riscos. Assumiu opiniões fortes como a que se refere à "História do futuro", que não seria mais que uma parte de "Chave dos profetas", como estratégia de Vieira, diante dos inquisidores. Silvano Peloso acredita ter dado fim a um fantasma bibliográfico quase tão sentido como a volta de Dom Sebastião do Marrocos.

Como em Dante, novas e mais complexas perguntas

Uma hipótese muito bem defendida com a precisão erudita que caracteriza o trabalho de Peloso, entre a poeira dos arquivos e o aporte de uma boa metodologia. A questão fica em aberto... Há quem sonhe a remota possibilidade de que outras páginas da "História do futuro" reapareçam numa coleção esquecida, arquivo ou miscelânea, tal como Dom João, voltando de Alcácer-Quibir, em "Frei Luis de Sousa", de Almeida Garret.

As questões em Vieira, como em Dante, quanto mais amplas exigem novas e mais complexas perguntas. O belo trabalho de Silvano Peloso se junta aos de Adma Muhana, Paulo Borges, José Besselar, Alcir Pécora e Baeta Neves, que completam — nesse rol de perguntas sem fim.

Leio a "História do futuro" e imagino Vieira, dizendo a seus críticos e leitores: "Vós descobristes ao mundo o que ele era, e eu vos descobri a vós, o que haveis de ser. Em nada é segundo e menor este meu descobrimento, senão maior em tudo: maior Gama, maior Cabo, maior Esperança, maior Império". ■

MARCO LUCCHESI é autor de "A memória de Ulisses" (Civ. Brasileira) e curador da edição dos "Sermões do Padre Vieira", a sair pela Nova Aguilar